

UMA ESPIRITUALIDADE TRINITÁRIA QUE NUTRA A DIMENSÃO MÍSTICO- PROFÉTICA DA VIDA CONSAGRADA

Ir. Maria
Freire da Silva, ICM*

* Religiosa del Inmaculado Corazón de María. Nació en João Câmara, Rio grande do Norte (Nordeste de Brasil). Es Magíster en Teología Sistemática de la Pontificia Facultad de Teología Nuestra Señora de la Asunción (São Paulo) y doctora en teología dogmática de la Universidad Gregoriana de Roma. Es profesora de teología y vice-coordinadora del Programa de Posgraduación de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo. Pertenece al ETAP desde 2012.

Resumo:

O objetivo aqui é adentrar-se no desenvolvimento de uma espiritualidade trinitária que nutra a dimensão místico-profética da VC, para compreender que a mesma é capaz de conhecer, criar, recriar, está sempre em busca de novas formas de saber, de ser e reconhecer e ser reconhecido em um itinerário de transcendência para fazer o “inérito” da profecia no serviço aos pobres.

Introdução

Falar de uma espiritualidade trinitária que nutra a dimensão místico-profética da VC, é ter consciência de que mulher e homem são reflexos da Trindade. Nessa dinâmica, a VC tem seu mistério revelado, na busca da construção do eu, que abre horizontes para a missão. Nesse ínterim, a presença do outro totalmente distinto *absconditus* e *revelatus* aparece como espaço de descentralidade da Vida Consagrada e de inabitación. A *kénosis* na VC é critério de revelação de sua própria natureza. Surge o dinamismo kenótico como linguagem místico-profética no encon-

tro entre o mistério humano e o mistério de Deus Trindade.

No dinamismo pericorético trinitário *ad intra* percebe-se que o movimento divino acontece de forma entrelaçada, dançante, onde o Pai e o Filho e o Espírito Santo contemplam-se mutuamente numa interação amorosa que se derrama para fora do círculo trinitário doando-se na criação. Também, a partir desse modelo, a VC deve viver o movimento de saída como força de profecia.

1. A Escuta Como Elemento da Espiritualidade Trinitária

No Antigo Testamento a espiritualidade do povo se apresenta perpassada pela grande convocação do *Shemá Israel* (Dt 6,4). Do ponto de vista de Schökel, a palavra *Shemá* significa, “ouvir, escutar, atender, prestar atenção, aquiescer, obedecer”.¹ Esta palavra aparece cerca de 169 vezes no texto do AT (texto hebraico, massoreta). A expressão *Shemá Israel* ocorre 5 vezes (Dt 4,1; 5,2; 6,4; 9,1; 20,3).

No texto grego dos LXX (Septuaginta) a expressão é escuta Israel, ou seja, *Shemá* foi traduzido por *akoue* que em grego significa ouvir, escutar, vir a saber.² O verbo escutar, do latim *auscultare*, é ouvir prestando atenção.

A escuta primeira é de Deus: “eu escutei o clamor do meu povo” (Ex 3,7). “Se ele gritar a mim escutarei o seu grito” (Ex 22,22). O mistério mais profundo da fé do êxodo é que Deus escuta o grito do povo sofrido (cf. Ex 2,23-25; 3,7-9; 14,10-31; 15,24-25; 22,22.26; Nm 11,3; 20,16). O grito do povo oprimido está no centro do credo israelita: “Gritamos a *lahweh*, o Deus dos nossos pais, e *lahweh* escutou a nossa voz” (Dt 26,7). A decisão de Moisés gritar a *lahweh* causa esperança, pois o grito deu origem ao projeto do êxodo.³ O Deus de Israel, escuta o grito do pobre (Ex 22,26) por que é misericordioso. Ele se compadece sempre do sofrimento do necessitado⁴.

Constata-se então o cultivo da esperança de o Senhor escutar o

¹ ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 681.

² BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1995, pp. 139-140.

³ GRÉNZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. São Paulo, Paulinas, 2007. p. 90-91.

⁴ *Ibid.*, p. 176.

grito de seu povo sofrido por meio do líder da comunidade, Moisés. Neste sentido a comunidade do êxodo faz a experiência da providência divina de transformação e superação dos obstáculos para continuar o seu caminho rumo à terra da liberdade, por meio da fé no único Senhor⁵.

O texto lucano diz que certa vez Jesus estava pregando e uma mulher levantou a voz e disse-lhe: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram” (Lc 11,27)! A resposta de Jesus àquela mulher: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam”(Lc 11,28). Uma escuta que leva o ouvinte à práxis(Lc 8,21).

Maria é a figura profética, que pela escuta da palavra se coloca à disponibilidade de Deus na liberdade da obediência, “eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim, segundo a tua palavra” (Lc 1,38)⁶. A obediência a Deus leva Israel à libertação.

A prece judaica, *shemá Israel*, rezada pelo povo judeu, expres-

sa o treinamento da vontade, do desejo e da consciência a uma unidade primária, ao estado de Infinito. Maria é a figura do novo Israel do NT que escuta a palavra de Deus e a põe em prática. Maria compreendeu o que significa o *Shemá!* Ela escutou e amou com todo coração, alma e força⁷. Maria mulher de ouvido inclinado, seguidora da tradição de Israel, fazendo releituras (Lc1, 26-38), segue a tradição de tantas mulheres na Bíblia no silêncio da escuta.

2. A Kenosis na Trindade alimenta da Dimensão Místico Profética da VC

Deus é relação, e por ser relação, é Pessoa. Pessoa que sai de si para buscar a Outra, para se dar à Outra, para perder-se na Outra e, assim, ser ela mesma. Com esta compreensão, se inicia a *kénosis* da Trindade. Nela, tudo é relação, por isso tudo é Amor. Deus é relação, e por isso quer livremente dar-se inteiramente ao humano. Ao doar-se, Deus está amando; amando, está se doando.

⁵ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. Êxodo 15,22-18,27. São Paulo, Paulinas, 2011. p. 24.

⁶ Ibid., p. 211.

⁷ QUIRINO, A. in Dissertação de Mestrado/PUCSP, 2017.

Portanto, uma espiritualidade trinitária que nutra a dimensão místico profética exige uma volta às fontes! Nem sempre dar passos de retorno é processo fácil! Não se faz sem passar pelo aspecto kenótico, termo oriundo do conceito grego de *kénosis* que significa: aniquilamento, esvaziamento e rebaixamento utilizado na cristologia paulina para significar a radicalidade da encarnação de Deus na história no evento da Cruz de Jesus. A Vida Consagrada não é dada a um ressoar morno e confuso da vida eclesial. Tem asas e olhos de águia, tanto voar longe como seus olhos devem alcançar a amplidão da Igreja e do mundo. Movida por grande amor à Igreja, centrada na Palavra de Deus, alicerçada na verdade, busca compreender e aplicar as decisões do Concílio Vaticano II sobre a Vida Consagrada.

É fundamental demonstrar que o encontro entre Deus e o ser humano exige essa descentralidade humana que passa pelo crivo do tecido da *kénosis* pericorética (comunhão) para que Deus Trindade possa inabitare no ser huma-

no. Demonstrando dessa forma, que a intimidade é o *locus* do encontro do descentrar-se e do inabitare. Onde a questão do escutar e existir (*Heidegger*) é inerente à *kénosis* pericorética trinitária (P. Ricouer). O centrar-se humano em si mesmo, revela um distanciar-se de si mesmo, abrir espaço de acolhida do outro, totalmente Outro.

No itinerário da descentralidade, o aspecto kenótico perpassa a totalidade da VC como modelamento que configura a pessoa ao Cristo através do dinamismo do Espírito:

“é o Espírito que dá concretude à existência e a configura por dentro e por fora, na sua interioridade e em todas as suas relações. A “espiritualidade é o modo de vida de uma pessoa onde o Espírito está presente, age, atua, comunica, inspira, determina”. Espiritualidade é o resultado da presença transformadora do Espírito. É a sintonia ou conexão do espírito da pessoa com o Espírito de Deus, da vida de alguém com a Vida de Deus.”⁸

⁸ CROCOLI, A. “Espiritualidade bíblica”, in <http://www.estef.edu.br/arno/wp-content/uploads/2011/06/Espiritualidade-b%C3%ADblica-Crocoli.pdf>, acesso in 12/06/2017.

Portanto, faz-se necessário perceber que todo o itinerário da espiritualidade trinitária vai exigir um descentramento de si, o que consistirá em deixar-se instruir pelo Espírito de Deus adquirindo os traços do Rosto de Cristo⁹. Dessa forma, a espiritualidade trinitária tem sua forma concreta em Jesus e seu movimento na *Ruah divina* na contemplação do aconchego derradeiro que é o Pai. Mergulhar nessa realidade tri-pessoal é fazer experiência amorosa do mistério revelado e encarnado no coração da história humana e da criação:

Mistério trinitário revelado em Jesus Cristo e, por extensão a mística trinitária, é resultante do mistério da encarnação como expressão por excelência de uma experiência em torno do sentido do amor de Deus. Evidentemente que a mística é uma experiência derivada do mistério amoroso de Deus, à medida que o sujeito que faz tal experiência descubra, se identifique e se comprometa com dita imagem de Deus¹⁰.

Tal espiritualidade recupera sua raiz na profecia do AT, onde os profetas não criam uma espiritualidade nova. Bebem da grande experiência paradigmática de todo o povo bíblico e a atualizam. Denunciam tudo quanto contradiz a mística que conferiu identidade e se concretizou na aliança de Deus com seu povo. É uma espiritualidade de comunhão e unidade, de solidariedade, relacionada com a transformação da Sociedade.

Na Trindade se dá o mistério da inclusão. A comunhão trinitária se abre “para fora” e convida as criaturas, especialmente as humanas a se inserir na vida divina. “Que todos estejam em nós... afim de que sejam uma coisa só como nós somos uma coisa só”(Jo 17.21-22)”.A Trindade é comum união, a coexistência da pluralidade no único, da diferença na igualdade.

Aplicando à Vida Consagrada, isso exige um ouvido inclinado para Deus, e outro para a História, onde milhões de pobres dão gemidos de fome, de nudez e de

⁹ <http://www.estef.edu.br/arno/wp-content/uploads/2011/06/Espiritualidade-b%C3%ADblica-Crocoli.pdf>, acesso in 12/06/2017.

¹⁰ PRATES,L.”A mística trinitária” in Revista de Cultura Teológica - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008.

abandono. Exige um evisceramento de si para acolher o outro, ultrapassando as fronteiras do seu próprio ser. Significa mergulhar no interior de uma complexidade sócio-econômico-político e cultural, onde a VC se sente impulsionada a buscar explicações para o sentido de sua vida. Isso a põe em deslocamento de si mesmo, sensível a um futuro aberto à dimensão espiritual da existência e, portanto, à perspectiva de sentido místico-profético. Isso a coloca na imanência da vida e a põe em permanente saída, ao mesmo tempo, para a transcendência.

Nesse espaço, o amor adquire uma complexidade muito grande, onde as experiências também são kenóticas. A convivência é relacional e exige um frente a frente que permita que o outro seja o outro, o distinto. Admitir essa possibilidade torna a VC em permanente saída de si mesmo para encontrar o outro, os pobres, e deixar-se encontrar.

Nessa permanente saída a VC vive as quatro dimensões fundamentais para seu equilíbrio: a) a participação na cidadania inclusiva do rosto dos pobres; b) a igualdade, fazendo o “inédito” no re-

conhecimento da dignidade e no respeito aos direitos dos povos; c) a diferença na releitura dos carismas, na capacidade de furar esquemas institucionalizados e congelados; d) a comunhão como portadora “de valores como a solidariedade, compaixão, defesa dos mais vulneráveis e de diálogo com a natureza e a divindade”¹¹.

A espiritualidade trinitária é por excelência místico-profética, pois vem para fora através do profeta por excelência: O Filho de Deus feito carne! A encarnação é a revelação de um Deus que inicia o processo de rebaixamento e aniquilamento. Isso se relaciona com a missão realizada, e a Cruz que vai encontrar a maior saída no grito da Ressurreição. Quando se afirma: “O Verbo se fez carne e veio habitar entre nós” (Jo1), se reconhece a força da profecia que perpassará as gerações!

Segundo a fé cristã, Jesus é a Palavra profética que saiu do silêncio, é o êxodo de Deus, o Filho Eterno que se fez carne e abre acesso ao mistério trinitário. É o êxodo divino saindo de si mesmo encontrando tempo para o humano e estabelecendo uma Aliança tornando-o herdeiro do Reino e

¹¹ BOFF, L. *Direitos do coração*, São Paulo, Paulus, 2015. p.39-41.

o missionário por excelência. Em Maria, mulher cheia de Graça, a beleza da *Ruah divina* se debruça fazendo-a bela, fascinante em sua relação íntima. Maria entra num relacionamento silencioso com a Trindade e emerge dessa relação totalmente marcada pela presença do totalmente Outro (Lc1, 26ss).

Daí que se pode afirmar: e a Beleza harmônica profética do nosso Deus cobriu Maria: “O poder do Altíssimo” (Lc 1, 35). Maria a mulher bela, profetisa, sobre a qual desce a *Ruah divina* em seu dinamismo amoroso e belo. Seu Sim é modelo para o nosso diante do chamado que o Senhor faz a cada uma. A Consagração é a possibilidade de encarnar em nossa vida o ensinamento de Deus que veio a nós por Ele mesmo. É aprender de Jesus a sermos missionárias em saída. A encarnação de Jesus é a beleza que irradia do alto, trazendo o esplendor para a humanidade. Na encarnação se mostra o amor incondicional de Deus. O Filho feito carne se revela e se esconde no mistério do mundo. Isto constitui nossa busca, busca de beleza de silêncio amoroso e de inclinação profética

para a realidade dos pobres onde a VC sobretudo, na América Latina e no Caribe está inserida.

Isso requer um espírito de sabedoria, de ciência e de fé, de profecia de escuta e graça¹², para retornar às fontes carismáticas, isto é: reler, rever e reconfigurar o Carisma Congregacional. O carisma exige relacionalidade, um permanente sair de si para estar no outro. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa o tu e portanto o nós. O discurso profético é um carisma especial, pois um *Kairós* pessoal ou político encontra a palavra acertada, a palavra que liga e desliga e que diz na hora certa o que é pecado e o que é graça.

A experiência carismática (do carisma) nos leva à liberdade do Espírito. Os carismas são dados para se testemunhar a soberania libertadora de Jesus. Nessa dimensão carismática a força da unidade é o amor. A força da diversidade é a liberdade. A comunhão do Espírito é o espaço para o despertar e o crescer dos múltiplos dons do próprio Espírito. O carisma faz sempre a vida rejuvenescer, reflorescer. O Espírito

¹² MONDIN, B., *Dizionario enciclopédico Del Pensiero di sanTomasso D'Aquino* Bologna 2001.

ao atingir o ser humano em sua essência o faz irradiando a vida.

No horizonte da história, cabe à VC tornar-se lugar de liberdade místico-profética na relação entre os carismas diversos e, às vezes, opostos da autoridade e da liberdade. A liberdade é como o *vinho novo*, que necessita constantemente de *odres novos* (Mt 9,17). Isso é fazer o “inérito”, é alimentar a profecia que impede as rupturas relacionais; para saber correr o risco da liberdade, nas relações de sinceridade e abertura no diálogo, capacidade de falar e de escutar ao mesmo tempo no chão da vida.

O nível da complexidade da encarnação desafia a imaginação e a inteligência humana, e, portanto, o deslocamento da VC. O processo da encarnação é de comunhão e de configuração conosco. O Filho de Deus não se faz uno conosco para nos deixar onde estávamos e como estávamos. Sua opção pelos pobres é criadora da comunhão radical do Reino. O Filho de Deus faz-se irmão de todos a começar pelos últimos para recriar a família dos irmãos. O recriar místico-profético assume uma complexidade dinâmica capaz de gestar novos expirais relacionais com as

culturas mais diversas, com as religiões, com a diversidade dos rostos dos pobres desfigurados no Continente.

No tempo intermediário, que está entre o primeiro e o último silêncio, situa-se a vinda da palavra, co-eterna na eternidade. A autêntica escuta do Verbo é ouvir o Silêncio além da Palavra, o Pai do qual o Filho é revelação no mistério da sua incondicional obediência: “Aquele que crê em mim, não crê em mim, mas, naquele que me enviou; quem me vê a mim, vê Aquele que me enviou” (Jo 12, 44).

A acolhida da Palavra é dinâmico que se realiza no contínuo transcender-se: a escuta do Silêncio insondável, profético do qual procede a Palavra, no qual repousa e ao qual remete, motiva a incansável procura que através do Verbo tende a ir além do Verbo. E por esse caminho o Espírito tem ação de grande relevância: guiar a VC no Continente para a plenitude da verdade na força da profecia, onde são abundantes os rostos diversificados dos pobres, das mulheres traficadas, crianças, adolescentes e jovens em situação de risco.

Há aspectos distintos da espiritualidade trinitária: a) A Imanência encarnação do Verbo, beleza que é espaço: o Filho, b) O Sopro sobre a comunidade: beleza que paira iluminando: o Espírito, c) beleza que reconhece e fala: o Pai. Portanto, Beleza profética que dá, beleza que recebe beleza, e beleza que é dada. Beleza que vivencia, fidelidade da consagração ao Projeto de Deus que se reflete no serviço aos pobres.

Conclusão

Portanto, resgatar a relevância da espiritualidade trinitária que nutra a dimensão místico-profética da VC, requer consciência de que do caos, emerge sempre uma nova ordem, nova organização, pois tem que se dar um novo sentido e, em torno desse se organizar. Para isso, é necessário abertura e movimento, flexibilidade e equilíbrio entre criatividade da emergência e a estabilidade da organização missionária.

Há que se evitar as projeções pessoais, para não correr o risco de trair o Projeto de Jesus. Deve-se assumir os conflitos históricos, e não cair rapidamente na tentação de elaborar o ideal, sobretudo se ele nega o valor da história.

O anúncio que Jesus faz de Deus está relacionado com a ideia de Reino de Deus. Seu messianismo não é compreendido a partir do poder (figura do Rei), mas a partir do serviço (figura do Servo Sofredor).

A Vida Consagrada se mobiliza na retomada do essencial da vocação místico-profético-missionária, resgatando o núcleo identitário: radicalidade do discipulado no seguimento de Jesus Cristo, uma espiritualidade Trinitária, capaz de se traduzir em vida em Comunidade, relações humanizantes, missão revigorada na paixão pelo Reino de Deus. Dessa forma, conhecer aquele que veneramos: “Aquele que venerais sem O conhecer, é Esse que vos anuncio” (At 17, 23).

A Espiritualidade trinitária nutrição da místico-profética, conduz a um *eu descentrado de si* para um Projeto, *um eu relacional comunitário-solidário*. Provoca a uma saída como sujeito de relações em comunhão no espaço que ocupa, com os outros no interior da casa Comum. Leva a passear nas Fronteiras existenciais e geográficas onde se realiza a ação missionária, onde o grito de Deus também se faz. A realidade da VC é caracterizada por

uma capacidade infinita de movimento, que imita, seguindo sem parar, o infinito divino. O místico-profético/a vive no amor e, pelo amor com que se percebe, é que se vê obrigado/a a amar.

A espiritualidade trinitária alimenta a dimensão místico-profética abrindo possíveis janelas, como uma chamada às cores das periferias, e a negação ao desperdício que molda a sociedade de consumo onde os pobres são revestidos da nudez cotidiana em todos seus aspectos. A VC é convocada a ser sujeito e cidadã, autora e participante na manifestação do “inédito” da místico-profética.

Deus em suas relações mútuas está livremente e reciprocamente inter-relacionado com suas criaturas de modo que respeita sua identidade. Dessa forma, o ser humano é chamado em si mesmo para viver essa relação de reciprocidade com todos. O Deus trinitário é dinâmico e fecundo em sua expressão. Daí as consequências desses princípios para a vida humana e para a prática de solidariedade. Nada do que existe vive ou se inter-relaciona a partir de si. Tudo é, vive e se inter-relaciona nos outros, entre si, um

para o outro nas inter-relações cósmicas do Espírito divino.

Referências Bibliográficas:

- ALONSO SCHÖKEL, L. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1995.
- BOFF, L. *Direitos do coração*, São Paulo, Paulus, 2015.
- BULGAKOV, S. *La sposa dell'agnello*, Bologna, EDB, 1991.
- CROCOLI, A. “Espiritualidade bíblica”, in <http://www.estef.edu.br/arno/wp-content/uploads/2011/06/Espiritualidade-b%C3%ADblica-Crocoli.pdf>, acesso in 12/06/2017.
- FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. *Êxodo 15,18,27*. São Paulo, Paulinas, 2011.
- GRENZER, Matthias. *O projeto do Êxodo*. São Paulo, Paulinas, 2007. p.
- MONDIN, B. *Dizionario enciclopédico Del Pensiero di sanTomaso D'Aquino* Bologna 2001.
- MONDIN, B. “Riccardo di S. Vitore” in *Dizionario dei teologi*, Bologna, ESD, 1992.

- PRATES, L. “A mística trinitária” *in* Revista de Cultura Teológica - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008.
- QUIRINO, A. *in* Dissertação de Mestrado/PUCSP, 2017.
- RUSCONI, C. *Vocabulario del greco del Nuovo Testamento*. Bologna, EDB, 1997.